

Memória de fábrica

Alexandre Meira de Oliveira (Brasil)

alexandremeira_rj@yahoo.com.br

Mestrado em Ciências Sociais

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*“Quem controla o presente, controla o passado,
e quem controla o passado, controla o futuro”*

M. Kundera

Apresentação

A Fábrica Bangu de Tecidos é o objeto do trabalho, e é sobre seus ex-funcionários que estabeleço este estudo aprofundado sobre a identidade e memória operária. A Fábrica chamava-se oficialmente de Companhia de Progresso Industrial Brasileiro, e se apresentava como uma Indústria de Tecidos na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro (cujo bairro chama-se Bangu). Sua fundação remonta 1889, seu fechamento parcial em 1979 (cerca de 95% de suas atividades) e fechamento total 2003; durante esse período a Fábrica desenvolveu e estruturou o bairro de Bangu, empregando sua mão-de-obra, dando-lhe feições urbanas totalmente particulares e contemplando o bairro com uma identidade fabril, diferentemente de outros bairros fabris da cidade. Este ano, toda a estrutura da Fábrica será aproveitada para a construção de um Shopping Center, situada praticamente no centro nervoso do bairro, o futuro shopping abará toda a estrutura urbana (ferrovias, rodovias, área residencial, comércio adjacente) de acesso ao shopping viabilizando um grande centro de consumo onde antes era um centro de produção por excelência. Paralelamente vemos a identidade fabril dos moradores da região, em sua grande maioria ex-operários, se dissipar à iminência do shopping. A nova construção institucionalizará a identidade operária do bairro sem a participação dos atores do passado, criando um antagonismo interessante e riquíssimo expresso no discurso deste ex-operários.

Perguntas iniciais

1º - Por que o uso recorrente dos atuais espaços fabris para a construção dos Shoppings Centers? É única e exclusivamente por conta da disposição urbana da redondeza?

2º - Por os ex-operários da Fábrica Bangu, mesmo em grande parte com inúmeras seqüelas e marcas negativas daquele período, exaltam e identificam-se com o período em que trabalhavam na Fábrica?

3º - Por que não há sequer sombra de identificação da população de Bangu com a Fábrica em contraponto a expectativa latente da vinda do Shopping Center?

Hipóteses

1º - O capitalismo se encarrega de criar, a cada etapa de seu desenvolvimento, um pólo que represente sua ideologia e emane sua lógica de acumulação. Com um efeito centrífugo esse pólo transforma todo o arcabouço urbano que o sustenta, imprimindo fisicamente também a sua marca. Assim foram as Fábricas no início do século XX durante o auge do capitalismo industrial, e são hoje os Shoppings Centers na aurora da Sociedade do Consumo, aproveitando-se por vezes da estrutura urbana deixada pelas Fábricas de outrora. A antiga Fábrica Bangu e o futuro Shopping Bangu confirmam esta hipótese.

2º - O discurso dos ex-operários esconde várias contradições que refletem o momento atual onde a memória coletiva é moeda de troca, e instrumento de controle social e mercadológico. É o momento germinal onde um grupo que detém um conhecimento (vivência de época e/ou Memória) útil para determinados fins, em sua maioria econômicos, tem a sua representatividade manipulada por pessoas alheias ao grupo e ao local (físico), sendo varridos do processo de “institucionalização” de seu próprio grupo. Tais contradições de devem pela ausência de percepção ampla do processo corrente e da intensa disputa política que passa o campo das representações, com fim das tradições e a quebra das grandes identidades.

3º - A não-identificação dos habitantes da região com a Fábrica e com o passado fabril do Bairro é fruto de todo um processo de massificação e destradicionalização da região, aliado a uma decadência econômica da região. A identidade fabril do bairro se distancia junto com o período histórico que o recebeu. A análise da expectativa dos moradores da região para a construção do Shopping Center, e com a conseqüente desfiguração da estrutura da Fábrica Bangu é o comprovante hipotético necessário.

Metodología

1) Para trabalhar com a Primeira hipótese faço basicamente uma pesquisa bibliográfica aliado a um levantamento histórico sobre o passado da Fábrica desde a fundação até o fechamento. Como será analisado o paralelo entre dois períodos históricos, os teóricos do capitalismo industrial e da modernidade são utilizados, permeados por discussões pós-modernas, e sobre a história fabril do Rio de Janeiro. Autores que baseiam as discussões deste bloco metodológico são: Jameson, Baudrillard, Elisabeth Von der Weid, Harvey, Bauman, Canclini, Marcuse e outros.

2) Para trabalhar com a Segunda hipótese o método consiste em entrevistas a um grupo de 20 ex-operários da Fábrica, aliado a um mergulho qualitativo dos dados colhidos em uma clara análise de discurso. Teoricamente trabalhamos com o processo destradicionalização e com as disputas políticas por reconhecimento no âmbito da chamada pós-modernidade, e sobre a articulação do indivíduo deste tempo, desencaixado e a procura de novas construções que o balize e norteie. Alguns teóricos de base para discussão são: Halbwachs, Ecléia Bosí, Hobsbawn, B. Anderson, W. Benjamin, Bergson, Bartlett, Lowenthal e outros.

3) Para trabalhar com a Terceira e última hipótese, que é sobre o contraste de expectativas entre a população local e os ex-operários, e a falta de identificação dos moradores de Bangu com a Fábrica, a proposta metodológica é fazer uma levantamento quantitativo, uma pesquisa amostral que possa dar conta dos 30000 moradores e que represente os diversos nichos de opinião dentro do bairro. As perguntas fechadas servem para uma operacionalização melhor dos dados, e para um mapeamento de opinião preciso de toda a área esmiuçando o grau de ligação entre pessoas e instituição. Como a discussão ainda será referente a hipótese 2, essa etapa será exclusivamente metodológica com o uso de questionários e do programa SPSS.

Monografia de Especialização e Tese de Mestrado

Introdução

1. História da Fábrica Bangu

Fundação e Crescimento.

Auge

Declínio e Fechamento.

2. Lógica dos Shoppings Centers.

Sociedade do Consumo.

Efeito Urbano.

Por que os espaços fabris?

3. Análise Urbana

Conjuntura Urbana com as Fábricas.

Conjuntura Urbana com os Shoppings Centers.

Cidade: Local dos conflitos ideológicos.

4. Expectativa local

Expectativa da População para a chegada do Shopping.

Estudo sobre Memória local dos Ex-operários da Fábrica Bangu.

5. Memória de Grupo x Memória Oficial

Lembranças e Traumas no discurso dos ex-operários.

A voz dos ex-operários da Fábrica Bangu.

De quem é a voz do Narrador?
A visão sobre o Shopping Center

6. Conclusão

Anexos